

PEDRAS, MONTES E PROTEÇÕES: A RELIGIÃO NO NORTE PRÉ-CRISTÃO

MARIA DO CARMO SERÉN*

Resumo: *Lendas, crenças, superstições e folclore insinuam imagens fragmentárias de antigas religiões. No Norte, como na Galiza, repetem-se séries investigadas (monumentos funerários, santuários, inscrições, estatuária) que nos surgem associadas habitualmente ao levantamento de capelas, cruzeiros ou igrejas, que assim consagravam o novo espaço cristão. Esta apropriação do espaço sagrado, desde S. Martinho de Dume é feita contra a religião romana e engloba as religiões anteriores sob o termo de superstições. O cruzamento dos lugares da civilização castreja, onde parece destacar-se o uso de peregrinações e romarias estabelece uma série significativa de montes e pedras sagradas que se repetem numa série aparentemente alheia, as fragas e pedras de moiros e moiras igualmente encerrados por encantamento, o que a tradição popular e a nomeação conservaram.*

Palavras-chave: *Lugares sagrados; Religião pré-romana; Herança das peregrinações; Sacralização cristã.*

Abstract: *Legends, beliefs, superstitions and folklore insinuate fragmentary images of ancient religions. In the North of the Iberian Peninsula, such as in Galicia, several series have been researched (funerary monuments, sanctuaries, inscriptions, sculpture) that usually appear associated to studies and surveys on chapels, crosses or churches, which thus consecrated the new Christian space. This appropriation of the sacred space, since Saint Martin of Braga, was conducted against the Roman religion and embraced previous religions under the term of superstitions. The crossing of places of Castro civilisation, where pilgrimages and peregrinations gained relevance, establishes a significant series of sacred mounts and stones which are repeated in a seemingly unrelated series, the rocks and stones of Moors also shrouded in enchantment, which popular tradition and naming have conserved.*

Keywords: *Sacred places; pre-Roman religion; Inheritance of pilgrimages; Christian sacralization.*

Subindo a Vilar de Perdizes, o Larouco, nesse dia de Inverno, apareceu à nossa esquerda, refulgente no gelo baço da sua superfície lisa e arqueada, animal em repouso com dez quilómetros de comprimento. O pêlo liso, alinhado por um deus menor, não lhe retirava a tensão do salto que dizia que ele mesmo era o horizonte possível e um futuro negado. Laroc, de ressonâncias celtas e claras é um deus máximo como todos os montes esclarecidos que fazem de telão para os raios que o céu envia com maus presságios; como o são os deuses metalúrgicos que num momento de boa vontade deixam que o raio exponha as riquezas escondidas no seu corpo pródigo. No Verão, as fendas breves que suportam alguma terra, permitem a agrura seca de algumas plantas terapêuticas que apelam aos curandeiros que guardaram o saber.

S. Miguel, que na Idade Média tinha a fama de poderes curativos, substituiu naturalmente o velho deus máximo, hoje olha-o de frente, no nome da capela e em estátua de forma clássica. Mas Larouco exigia um contingente curativo maior e, no largo, no fim do Verão, a romaria da Senhora da Saúde reanima crenças e agouros, curas quase milagrosas e devoções secretas ou legitimadas¹.

* Historiadora e investigadora do CITCEM, tem diversas obras publicadas sobre História, História de Arte e Fotografia ou textos publicados na Europa, Estados Unidos e Brasil.

¹ Os deuses de montanhas, como Endovélico ou Larouco, dada a colheita de plantas curativas, são habitualmente médicos; a elevação no lugar, com a cristianização, de um santo curativo como S. Miguel, garante a manutenção dessa característica.

Um lugar sagrado não se inventa nem se descobre. Impõe-se, vindo de fora, porque o criamos com a memória de crenças e mitos. Neste trânsito que fazemos com o mundo, tudo se acumula e tudo se devolve. E porque assim é, o lugar sagrado não nos surge como uma percepção, mas como uma sensação perceptual. E é esse um ponto de partida tão válido hoje para o reconhecer, como o foi, no pretérito, para o eleger.

Uma sucessão de crenças, crescendo do que chamamos um animismo primitivo, deu voz na Proto-história aos espíritos maiores e menores que representam uma Natureza que se teme e de que se depende. Sabemos, pelos vestígios gravados ou pintados em rochas e fragas. Em monumentos construídos ou prováveis amuletos não degradados, que o culto das pedras – pedras temíveis que a Natureza modela, pedras bulideiras ou emissoras de cantares, gemidos e lamentos, pedras do raio ou susceptíveis de efabulação – dos rios e das fontes ou da vegetação propiciatória, não teria exigido grande esforço de aculturação religiosa para os primeiros celtas no ocidente peninsular. Povos metalúrgicos, os celtas encontram cultos idênticos àqueles que sempre os regularam, os montes, porque Mor, o seu velho e corpulento deus tocava a sua harpa mágica que atraía raios e o fogo donde tudo proveio e onde tudo regressa; adoravam os rios e fontes, a água matricial que mais se manifestava em grutas e borbulhões e era povoada e protegida por espíritos diversos; reconheciam a floresta escura e sombria, habitação de Anu, o deus da fecundidade e de Brigit, a vidente, deusa da sabedoria e Diancecht, o deus da medicina que intervinha através do sono sagrado.

Em cada castro ou conjunto de castros da mesma etnia local, actualizam-se os espíritos máximos, mais poderosos, encontram-se e nomeiam-se lugares sagrados, que fundam ou deixam suceder a castros do Bronze, deixa-se que a rainha das fadas Fand, escolha as suas hostes habitualmente maléficas e, quando chegar a altura da esperança na ressurreição, adoptam Lug, o deus solar pancéltico e iniciado, que possuía um punhal mágico e um caldeirão de flores escolhidas que prometia a imortalidade².

O Norte, fechado desde o Mar Cantábrico no seu terreno montanhoso, proporciona muitas cidadelas e muitas permanências. Os celtas ter-se-iam visto perante as diversas deusas-mães locais que melhor protegiam o grupo feminino recolector e agrícola que receberá Ísis ou Cibeles quando os romanos sincretizarem ainda mais a sua religião. Na Ibéria agrícola sabemos como se difundiu Atégina, a renascida, deusa celta que englobaria uma deusa-mãe poderosa na península, deusa da terra e da vegetação e assim, também deusa infernal, semelhante a Perséfone³. Mas no Norte só há dados definidos vindos do Calcolítico (no planalto da Serra da Boulhosa, Paredes de Coura, perto do núcleo megalítico de quatro mamoas, uma estela-menir, talvez um ídolo feminino rodeado em círculo por 7 grandes pedras; na Bouça do Colado, no Lindoso, com afloramentos graníticos, o mesmo padrão: a rocha central, rodeada por sete rochas menores com

De resto ainda hoje aí se realizam (Vilar de Perdizes) as conhecidas «Festas do Oculto» (largamente citadas *on-line*) dedicadas à cura dos romeiros. Leite de Vasconcelos refere-o detalhadamente, cf. *Religiões da Lusitânia*, vol. II: 125-146.

² PRAMPOLINI, 1969, tomo II: 463-464.

³ VASCONCELOS, 1989, vol. III:194.

gravuras reticulares, círculos, covinhas, um meandro e um labirinto, uma rocha maior com um ídolo feminino); uma multidão de espíritos também femininos poderia compensar ou ocultar deusas-mães reconhecidas. Traduzidos na Protohistória por ninfas, fadas, *numina*, *manes*, *lares* ou génios e tutelas, justificam lápides em santuários, como em Val de Nogueira, Vila Real, ex-votos ou áreas tumulares e altares, onde, por todo o Norte, se ofereciam vasos com azeite, vinho, hidromel, leite e sangue. O dia um de Maio perdurou na Festa das Maias, arbusto que enxameia pelos campos do Norte; D. João I, quando se tornou excessivo de moralidade proibiu-a com postura de 1385 e, porque evocava ainda, com os seus rituais de fertilidade, as Festas de Beltan (Baltene), com as suas fogueiras e encontros rituais fortuitos, onde se comiam as fogaças que fazem parte do nosso património, tornou-se superstição⁴.

É com o veículo da escrita latina que conhecemos os seus nomes romanizados. Os celtas peninsulares teriam, no Norte, os seus santuários a céu aberto, nas grutas e fontes de Nábia, bosques sagrados e interditos ou promontórios junto do mar, dedicados a um naturalizado Lir, a quem Mirobieus⁵, o deus de Sanfins do Douro, parece também, remeter.

Com a ocupação romana, os lugares sagrados ganham o nome de santos, seja a «colina sagrada» onde está o Castelo de Guimarães ou na Praça de S. Tiago, do templo de Cibele, as águas «santas» de Carvalhelhos, a Fonte Santa, Serra da Cabreira ou de Pombares, o espaço sagrado e santo de Alfândega da Fé.

A ACULTURAÇÃO ROMANA

Dois indícios seguros asseguram a pesquisa de locais sagrados pré-romanos: a específica santificação do lugar pelo cristianismo, erguendo capelas ou ermidas nos espaços de peregrinação, mantendo a romaria enquanto necessária e a demonização popular de outros através da atribuição de pertença a «mouros».

Uma significativa quantidade de castros ganha a sua capela ou igreja de peregrinação, julga-se que logo após a predicação persistente de S. Martinho de Dume, depois da cristianização do rei suevo. Asseguram-se então, no século VI, 13 dioceses-bispados, 5 dependentes de Lugo (Iria, Orense, Astúrias, Tui e Britónia), e 6 dependentes de Braga (Dume, Viseu, Coimbra, Lamego, Egitânia, Porto ou Meinedo.) O tempo era de luta contra o Priscilianismo, tenaz na imensidão rural da Galiza até ao Douro, mas S. Martinho, sucessivamente bispo de Dume e de Braga, acompanhando as prédicas da época contra o paganismo e a heresia, nas «De Correctione rusticum», ataca especialmente os deuses e costumes religiosos romanos, Júpiter, Minerva, Mercúrio, Diana, Saturno, os seus Manes e Lares, as festas de Vulcano ou as Calendas. Oragos locais, cultos orientalizantes (como o de Mitra, Isis, Cibele ou Serapis,) bem assentes na Galécia, apenas são vagamente incluídos nas superstições a erradicar⁶.

⁴ BARBOSA, 1981, vol. III: 146-173.

⁵ PRAMPOLINI, ob. cit.: 464; VASCONCELOS, vol. II: 235-236.

⁶ DUME, 1997: 27-35; 111,113,115,121.

No Norte, mais do que no Centro e no Sul, Júpiter tinha sido dado como nome a diversos deuses máximos e mesmo a génios do lugar. Mas são aqui os lugares sagrados que fazem os deuses e o seu poder, os diversos *Nabia* das águas, *Larouco*, *Marão* ou *Coronos*, de Orzedelo, Guimarães, *Turiacus*, em Santo Tirso, *Bandia*, na Cova da Lua, Bragança, *Aernos*, de Castro de Avelãs, Caro, em Arcos de Valdevez, ou *Bormano*, em Caldas de Vizela, que surgem vestidos de Júpiter em inscrições de Chaves, Bragança, Vila Pouca de Aguiar, Ribeira de Pena, Três Minas, Moncorvo, *Abua* de Santo Tirso, *Lisouros* de Paredes de Coura ou ainda o mago educador dos Gróvios, *Macário*. Em Famalicão o orago *Brigus* tem raiz celta, como provavelmente o de santo Tirso, *Turiacus*, que lembra Tur, que significa *o senhor* em gaélico antigo⁷.

Deuses máximos e oragos do lugar que aparecem nos santuários ou em inscrições tumulares rodeados dos mais divulgados dos signos divinos que atravessam os tempos desde o Calcolítico, mas que as novas religiões escritas de ressurreição avivam como culto dos astros e solar, o Sol e a Lua ou da vegetação. Esta simbiose do antigo renominado talvez explique a grande ênfase dedicada a Júpiter. Os deuses do Panteão romano residiam mais nos templos das grandes cidades e nas cidades-colónia, como Egitânia e, a partir dos quartelamentos militares ou de grande concentração militar, como na exploração mineira. Desde o século II partiam as influências dos deuses orientais, como Mitra ou Serapis. No quotidiano rural era-se protegido dos deuses e génios severos pelos espíritos do lugar, pelos lares domésticos e pelos lares viajantes, que há muito se associavam com as pilhas de pedras soltas que se acumulavam, como «Hermes» propícios nas encruzilhadas, terras ermas ou perigosas.

O culto dos mortos, nas duas modalidades de inumação e incineração, que os romanos também duplicaram no tempo, são vestígios comuns: covas simples no Marco de Canaveses ou Amarante, urnas de incineração de madeira, chumbo ou xisto, em Cinfães. Covas com protecção de xisto e por vezes, de tijolos. Da inumação, comum a partir do século III, ficaram sarcófagos com inscrições, relevo lateral ou na cobertura. As lápides funerárias transportam habitualmente os signos pré-romanos, ligados ao culto dos astros, nomeadamente ao Sol e Lua, e a estrelas, uma só, ou duas: meia-lua em Bragança e Rio Tinto, duas meia-luas em Mirandela, Duas Igrejas, meia-lua e estrela em Trancoso e Vila Pouca de Aguiar; estrela com seis raios Felgar, Moncorvo, Braga, Cárquere; suástica flamejante em Castro de Avelãs e Guimarães: suástica com quatro quartos da Lua em Bragança. Embora a suástica seja comum em todo o espaço celta e mediterrânico, nas lápides funerárias as estrelas são mais comuns na península Ibérica do que no resto do Império. Na realidade são os mesmos signos que se vão encontrando nos castros e em santuários desde o Bronze, muito comuns na cultura de língua indo-europeia. Aparecem isolados ou em grupo (18 círculos concêntricos, ligados entre si, grupos de covinhas, a espiral, círculo com um raio prolongado, ramo, são muito comuns nos castros de Sabroso, Briteiros e diversos castros do Norte); a cruz gamada com 3, 5, e 6 braços espiralados ou lembrando a cruz de Malta vê-se em Afife, Aboim, Ria-Tua,

⁷ VASCONCELOS, ob. cit., vol. II: 103-11; 264-276; FERREIRA & FERREIRA, [s.d.]: 111-130; FABIÃO, 1997, vol. I: 198-200.

Paderne. Surge ainda em amuletos e teriam servido para proteger contra maus espíritos e apelo aos benéficos.

A aculturação romana faz-se ainda sentir na produção de escultura seguindo os seus padrões mais comuns. Assim, se bem que se conheçam pequenas estatuetas em bronze de animais anteriores à ocupação (a tríada celta, porco ou javali, cabrinhas ou touros), a estatuária romana influencia o aparecimento das estátuas de guerreiros, com os torques ao pescoço e o escudo redondo, quase sempre cortados abaixo dos joelhos, lembrando que poderiam emergir sobre uma base, dos seus túmulos, característicos das etnias mais a ocidente; e ainda a produção, variada em realismo e aprimoramento dos seus porcos, porcas e javalis, símbolos da fertilidade, conhecidos por *berrões*.

São representações sem acabamento de pernas e pés, mas que, por vezes, salientam com muito realismo a cabeça do animal. Há-os pequenos, com comprimento de 0,35 metro, uma maioria entre 1,60 e pouco mais (a porca de Murça tem 1,86 m, o de Torre de Dona Chama, 1,60, o de parada de Infanções, 1,63m; mas o do pelourinho em Bragança tinha 2,05 m). Com menos de um metro são os 7 berrões inteiros encontrados, entre vários vestígios nas Cabanas de Moncorvo; aí, uma cabeça de javali tinha perfeito realismo. Há outros tão disformes que são quase simbólicos.

Compreende-se que tenham perdurado, já que para os Suevos o javali significava coragem e força, sendo frequentemente pintado nos seus escudos de guerra.

SANTUÁRIOS PRÉ-ROMANOS E MISTOS

Tudo indica que na *paz romana* a população, que se ia integrando nas citânias ou abandonando os castros, incorporada nas legiões e, sabendo latim acedia a cargos civis e políticos, viveu um período longo sem lutas significativas. A maioria era produtora de gado ou de produtos agrícolas e mantinha a religião que lhe oferecia a resolução dos problemas domésticos e, principalmente, os de saúde. Para isso tinha as tutelas tão diversas como as romanas e, com a tradição celta tinham desenvolvido um conhecimento ou uma sujeição a deuses curativos, característica que os seus deuses máximos não descuravam, como Larouco, Marão ou Bormano⁸. As águas milagrosas sugeriam peregrinações e são responsáveis pela exploração das águas mais quentes da Europa, em Chaves, pelas termas de Vizela com Bormanos, esse deus provavelmente pré-celta que representava os bulhões da água primordial. Caldelas tinha um santuário dedicada a ninfas e em Vila Chã, Barcelos, restos de um santuário com tinas naturais onde os pacientes nomeadamente crianças, se banhavam. O Santuário Rupestre de Pias de Mouros, em Argeriz, Valpaços, do período da ocupação romana, tem dois tanques bem escavados na rocha, afloramentos graníticos onde, como em Panóias haveria rituais de sacrifício. Mas de cunho mais curativo do corpo que da alma, já que aí se implantou uma capela de S.

⁸ Lugares poderosos como as montanhas, facilitando a procura de plantas medicinais serviam de morada a deuses ctónicos celtas, que são simultaneamente deuses de poder e deuses médicos. Bormano é um deus celta fontanário que, como nas Caldas de Vizela, curava diversas doenças. VASCONCELOS, ob. cit., II: 128; 269-276.

Miguel, tido como anjo de cura na alta Idade Média. Também no Castro do Castroeiro havia um santuário rupestre, já desde o Bronze, nos afloramentos graníticos, acrescentado pelos romanos.

No Cruzeiro, Monte da Guia, Esposende, há vestígios de um culto das pedras e penedos mágicos que virá a cruzar-se com o culto de Nossa Senhora da Guia. Ainda hoje lá se fazem, pintando de certo modo as pedras, rituais propiciatórios. No Monte de São Bento, Vila Real, teria havido um santuário ofiolático e em Pena, numa casa privada, no pátio, sob sepulturas cavadas na rocha na alta Idade Média, um conjunto de tanques que indiciam restos de um santuário. É provável a existência de um santuário no Castro do Baldoeiro, onde há gravuras rupestres, do Calcolítico, no Penedo do Cobrão (gravura de uma cobra enorme), com covinhas sacrificiais e escadas para subir. A cobra era simultaneamente terapêutica (curava a epilepsia, doenças de pele diversas e dela se faziam antídotos contra outras infecções) e proporcionava estimulantes sexuais. Nomeadamente a cabeça. Faziam-se elixires e amuletos de protecção. Os amuletos, devidamente sacralizados com orações mágicas passariam a incluir, com os romanos, afasta-agouros escritos, que se traziam em pequenos medalhões fechados.

De resto diversas concentrações de símbolos no chapéu de dólmens sob mamoaas, em fragas e penedos erráticos, apontam para a variedade destes locais dedicados à cura do corpo, sob a protecção de oragos que se desconhecem.

Outras cerimónias em lugares nitidamente sacralizados, como na veiga de Chaves, o Outeiro dos Machados, com mais de 300 insculturas em 4 monólitos, ou num alto da Ribeira da Vilarça (Assares, Vila Flor), onde havia dezenas de estelas-menir, com um espaço sagrado demarcado em anel de pedras, a maioria das estelas era lisa, mas havia-as com desenhos abstractos ou antropomórficos. Em Carviçais, no Castro de Cigadonha, em torno de um bloco móvel com gravuras rupestres, teria lugar, inevitavelmente, um espaço sagrado. Também em Valpaços, a lenda de santa Comba, mártir que perseguida se refugiou num rochedo que se abriu à sua passagem, escondendo-a, indica a popularidade do culto das pedras; nos arredores de Valpaços há penedos balouçantes.

Hoje apenas se reconhece como antecessor do Serapeum, o santuário de Panóias (Vila Real). As inscrições que atribuem a sua remodelação a um cidadão romano, atestam-no, já que incluem os deuses antigos, deuses severos locais. Do cimo dos afloramentos graníticos que se sucedem no caminho que se define (e um deles conserva a escadaria frustrada talvez pré-romana) o Marão domina e, coroado de nevoeiros, estabelece o horizonte do olhar. Diversas pequenas incisões e muitos grupos de covinhas falam do seu passado local. Hoje ainda se sobrepõem as tinas cavadas para receber sacrifícios de animais – cavidades para assar, com suporte para grelha, e para receber o sangue das vítimas, outras que fazem perceber espaços de arrumos da ferramenta religiosa, com dobradiças para fechar, localizadas dentro de eventuais templetas sobre as rochas e tinas de imersão para cumprir o cerimonial iniciático de imersão em água da chuva (substituindo a água do Nilo). Em todo o caso, a cerimónia conduzida pelos padres isíacos, teria o Marão como horizonte e, no final, o iniciado levantar-se-ia, olhando-o de frente.

CAPELAS, ERMIDAS E CRUZES: A CRISTIANIZAÇÃO DOS LUGARES SAGRADOS

À sobreposição da denominação romana e aculturação de alguns dos rituais, a religião no Norte, nomeadamente após a missão de S. Martinho de Dume, inicia nova actualização. Para sabermos onde procurar lugares sagrados pré-romanos ou mistos, santuários, bosques sagrados, como por exemplo o da Serra de Arga, altares ou cultos, basta seguir as capelas, igrejas e, por vezes conventos, que se erguem nos castros e suas dependências ou nos espaços sagrados mais reconhecidos (como o Rossio de Guimarães, com templo a Cibeles, depois capela de S. Tiago, com a sua lenda de substituição da imagem). Na sua grande maioria revelam a reconstrução de edifícios maiores ou menores, sobrepostos a antigos templos da época da cristianização dos quais se aproveitaram as pedras.

Por vezes a capela apropria-se paradigmaticamente do lugar mágico, como a capela dentro de uma gruta (Santuário da senhora da Lapa, na Serra da Cabreira) ou sobre uma pedra sagrada, mesmo abaulada (Igreja da Senhora do Pilar, em Lanhoso) e, quando se trata de transformar uma crença em abominação, a capela ou a cruz santificante inscreve-se na pedra dos Mouros ou a capela aproxima-se do chão sacrílego popularmente atribuído a muçulmanos, quando vencidos.

Em Monção a pretérita função curativa dos seus oragos grandes e pequenos fica clara na abundância de capelas dedicadas a Nossa Senhora dos Aflitos, Nossa Senhora da Saúde, da Boa Morte, da Ajuda ou Nossa Senhora dos Remédios. Em Cambeses, no Castro do Monte da Assunção, habitado desde o Bronze, há o inevitável «Buraco da Moura» e, próxima de rochedos com gravuras e uma capela, esta do século XVI; no lugar dos Milagres há uma grande gravura serpentiforme com covinhas.

Também no cimo do Castro de S. Caetano uma cruz assinala a sacralização e o Castro da Senhora da Visita tem a respectiva igreja, restaurada no século XVIII.

O castro de Nossa Senhora da Graça e a capela da mesma Senhora explicam-se em Tangil, Melgaço; Em Riba de Mouro, há a igreja de S. Pedro, mas também aqui, na Serra da Peneda, se repetem Senhoras da Saúde, Natividade, Alívio, Boa Morte, Remédios, Senhora da Vista, Boa Nova, Senhora do Livramento e Senhora da Oliveira (uma das árvores mágicas dos celtas, com folhas prateadas). Castro Laboreiro tem, como se sabe, as Mamoas da Portela de Pau, conjunto megalítico que se prolonga por Espanha, com gravuras e restos de pintura.

A Serra de Arga, impondo-se entre Caminha e Vila Nova de Cerveira é um velho lugar sagrado dos celtas; aí tudo se impõe, paisagem e memória. E, naturalmente corrigida por diversas capelas e cruzeiros. No Monte do Castro, Vilar de Mouros, uma ermida assinala o lugar de uma rocha insculturada. Há um mosteiro de S. João de Arga, do século XII e o reforço do século XVIII com o santuário do Bom Jesus dos Passos⁹.

⁹ Recorre-se à obra de ALMEIDA & BELO, 2010-2011, por se tratar de um levantamento recente, bastante documentado, assinalando os vestígios actuais e monumentos diversos associados ou próximos, permitindo a prospecção formulada (sobreposição ou associação de locais sagrados actuais a locais sagrados que permaneceram desde a Proto-História). Na nota: vol. I: 58, 64.

Descendo para Paredes do Coura e Arcos de Valdevez, pelo vasto planalto da Serra da Boulhosa, com o seu santuário ao ar livre, no Monte de S. Sebastião, há a capela do Santo, com romaria, que olha as serras de Arga e o dorso da Peneda.

No socalco da Peneda, o Santuário de Nossa Senhora do Penedo, que apareceu numa gruta, justifica outra peregrinação e romaria.

Perto, já no Soajo, as estações do Bronze Final (Gião I e Gião II) e a Bouça do Colado, em Parada, Lindoso, explicam que a peregrinação devia ser já comum no Calcolítico.

Também de romaria são as capelas que distinguem desde a Gelfa (Castro e capela), Montedor (gravuras rupestres, com covinhas, ferraduras, serpentiformes, os animais sagrados e esquemáticos (cervos); a estação paleolítica tem a designação local de «Mamoá da Cova da Moura». A Anta da Barrosa, túmulo comunitário (Vila Praia de Âncora) é a «Lapa de Mouros», talvez porque também tem insculpturas serpentiformes.

No Monte de Trás-lo-Crasto, em Santo Amaro, a ermida do século XVIII assenta sobre um templo mais antigo. Tem uma pedra furada, onde se introduz a cabeça «para orar ao santo», sobrevivência natural do culto das pedras.

A cristianização sucede-se: no Castro de Piães, a ermida de S. Simão; no Castro de Sabariz, a ermida de Santo Amaro.

Em Vila Franca, grande centro castrejo, fortificado com 5 ordens de muralhas, da Idade do Ferro, de fundação celta, há diversos motivos de peregrinação, o Penedo do Galo, no Castro do Santinho, a gruta «Boca da Serpente» e a pegada cristianizada com o nome de «Pegada do Santinho».

Na Ponte da Barca, a Capela de Santo Ovídio, perto da pedra com gravura de cavalo, perfaz as diversas actualizações religiosas, pois foi erguida sobre um templo romano.

A Capela de Nossa Senhora da Guia, em Barcelos, foi construída num lugar mágico, de culto das pedras, como se disse e no Castro de S. Lourenço, Vila Chã, a ermida actual sucede à românica, embora continuem a efectuar-se banhos de cura nas tinas naturais.

Nos castros de Sabroso e de Briteiros capelas antigas, uma mesmo pré-românica, assinalam o lugar dos antigos cultos até à Serra da Cabreira, onde está a gruta que escondeu uma provável Isis antes de ser a Nossa Senhora da Lapa. A romaria manteve-se. Também em Guimarães, o convento de São Torcato levantou-se sobre um templo pré-românico.

Em Palhares, Famalicão, o Monte das Ermidas fala da cristianização multiplicada; a área é castreja. «Forno de Mouros» num outeiro em Seia, tem um balneário castrejo e um deles leva o nome da capela de saúde, S. Miguel, «o Anjo». No Castro de Santo Ovídio, em Fafe, com capela de romaria sobre o castro, foi encontrada uma das estátuas de guerreiro.

Em Guimarães, o convento de Mumadona foi precisamente construído na Colina Sagrada e, na Praça de S. Tiago havia, como se disse, o templo a Cibele.

No Larouco há presença megalítica e castreja (Castro de Vamba) e túmulos medievais cavados na rocha que restaram dos que se destruíram com a abertura da estrada e o Santuário actual de S. Caetano com dedicatórias ao deus Laroc (Laranc ou Larocuo) e a igreja de S. Miguel; em Vilar de Perdizes em Meinedo, Montalegre, 5 mamoas, perto da Ribeira de Sá; diâmetros grandes (de 12 a 30 metros) e de um a 12,5

metros de altura, do 3.º milénio a. C. muito arruinadas; apenas uma conserva dois esteios, com inscultura cruciforme. Em Vila Chã, Montalegre, há a igreja do século XI que pertenceria depois à ordem do Templo e o Castro de S. Vicente de Chã («Castro dos Mouros») da Idade do Ferro, numa elevação sobre o rio Rabagão.

Vinhais é outra área com diversos lugares sagrados. O castro de Cigadonha, em Moimenta e 2 penedos graníticos insculturados com covinhas; também local de sepulturas medievais na rocha, a «Poula de Mouros», Vilar Seco da Lomba; existia uma capela a S. Martinho.

Já em Montesinho, na Cova da Lua (Espinhosela, Bragança) onde se encontraram duas inscrições funerárias e uma votiva à divindade lunar Bandua, há uma capela (Senhora da Hera) onde estiveram incorporadas nas paredes essas inscrições¹⁰. Em Baçal há o Castro de Sacóias, com a capela da Senhora da Assunção sobre uma anterior (a Santa Maria); no espólio do castro achou-se uma bezerra de bronze, hoje na Sociedade Martins Sarmento. Em Boticas, enorme exploração aurífica romana no «Vale do Ouro», o Castro do Cabeço, o de Carvalhelhos, com as suas águas santas, ambos romanizados, o Castro de Giestosa e a capela de Santo Aleixo e na freguesia de Cervos, capelas a Santa Bárbara, que protege de raios e trovões e é muito comum junto de áreas mineiras¹¹. O dólmen Tojais, com cemitério escavado na rocha, tem um plaino a que chamam «Alto da Senhora». Também em Chaves, com águas termais, cidade romanizada da Via Braga-Astorga, há num alto o santuário da Senhora dos Engarinhos, com romaria, banhos em tanque para problemas de doenças das pernas e outros santuários mais recentes. Em Outeiro Seco há a igreja de Nossa Senhora da Azinheira do século XIII. Na Serra da Boqueira, o Outeiro dos Machados, com enormes monólitos de pedra com insculturas de machados e símbolos cruciformes solares e covinhas.

Em Lampaça a matriz de Bouçoais sobre vestígios castrejos e a capela de Santa Maria Madalena, do século X mas reformada no século XVI.

No Fragão, em Mirandela, do neo-calcolítico, um enorme rochedo, com cerca de 3 metros de altura tem no cimo planado gravuras astrais; num rochedo próximo covinhas e sulcos paralelos. É de Mirandela (Bouça) uma estátua-menir, fálica, com 2,45 altura e diversas covinhas, sulcos e um motivo rectangular. Um berrão foi encontrado em Torre de Dona Chama; no castro levanta-se a capela de S. Brás. Nas minas de estanho (Alto do Sarilho) há gravuras na Fraga da Ferradura.

No monte fronteiro a Castro de Avelãs, Bragança, o Castro da Torre Velha, era a cabeça da etnia dos Zelas¹², com ruínas romanas. Aras e estelas romanas, numa delas mencionando o voto ao deus Aerno. O santuário de Nossa Senhora da Serra (Serra da Nogueira), num planalto onde há antigas gravuras rupestres, edifica-se em velho lugar sagrado.

Nas terras de Basto, Serra da Cabreira, encontrou-se um guerreiro lusitano agregando cabeça posterior. A ermida da Senhora da Ourada acompanha o aparecimento de uma imagem de Nossa Senhora na Fonte Santa; a festa é no Solstício de Verão, com romaria.

¹⁰ ALMEIDA, ob. cit., vol. II: 34.

¹¹ Idem, ob. cit.: 35-36, 56, 104.

¹² Grupo gentílico que Plínio incluiu nos Astures, os Zelas eram conhecidos pela produção de excelente linho; romanizados deixaram diversa informação epigráfica, dedicada ao deus Aerno.

Numa estação arqueológica, Ribeira de Pena, no Tâmega, no sopé de um castro, onde se encontraram 2 estátuas de guerreiros, há gravuras em rochedos; no Alto da Catarina, uma mamoa e ainda diversas na Serra do Alvão: vasta necrópole megalítica, 5 núcleos e um total de 20 túmulos. Numa laje há veados e outros animais cercados de símbolos diversos e ainda inscrições em alfabeto ibérico. O eco do espaço sagrado fez surgir um cemitério familiar de túmulos medievais.

Em Mondim de Basto, Atei, no Monte Farinha, sobre uma povoação proto-histórica, que teve uma ermida anterior, construiu-se no século XVI uma igreja, hoje Santuário de Nossa Senhora da Graça (século XVIII), com peregrinação entre 3 capelas. Romarias no primeiro domingo de Setembro. A 500 metros do Monte Farinha, no Castro do Castroeiro ficava um santuário rupestre, do Bronze, acrescentado pelos romanos. Nos afloramentos graníticos há círculos solares, espirais e quadrados.

Vila Pouca de Aguiar foi simultaneamente área curativa e mineira (Jales e Tresminas). Tem o Castro de Vilanova e o Castro de Loirosa e a igreja matriz de Santa Leocádia, do século XII.

O Santuário rupestre de Pias de Mouros, Valpaços, do período da ocupação romana tem tanques escavados na rocha como Panóias, em afloramentos graníticos. Supõem-se sacrificiais.

Castros (Serra do Cicouro), da Aldeia Nova (S. João de Arribas) uma gruta com 150 m² (Duas Igrejas) e as respectivas capelas com romaria (Ermida de Nossa Senhora da Luz, Capela de S. João) garantem em Miranda do Douro a cristianização do sagrado mais antigo que os signos inscritos não deixam iludir.

Ou Antas e mamoas em Alijó, com capelas próximas (Castro de Nossa Senhora da Piedade), abrigos rupestres (estação arqueológica do Tua, Buraco da Pala, Mirandela), castro de Palheiros ou Vilas Boas, que teve berrões, e tem hoje um santuário de N. S. da Assunção; o território sagrado de Alfândega da Fé e as igrejas da Senhora da Lapa, S. Jerusalém; o santuário calcolítico de Cabeço da Mina (Vila Flor) com as estelas-menires, as gravuras da Cova da Moura, as gravuras de pedra escrita Ridevides, com símbolos do sol, cruciformes. Quadrados, triângulos, escadas, da Idade do Ferro; em Torre de Moncorvo o Castro de Baldoeiro e o seu santuário do Cobrão e a capela da Senhora do Castelo, o bloco bulideiro de Cigadonha, o castelo de Ansiães, Vila Flor, com estelas sepulcrais com símbolos solares, estrelas de David, uma cruz de Malta e a capela dedicada a S. Pelágio, depois S. Salvador; perto da Pala da Moura, do Cachão da Rapa e da Casa de Mouros, a anta com gravuras antropomórficas, sulcos e covinhas... o ofício da cristianização é persistente.

Do outro lado do rio Douro, em Armamar, freguesia de Fontelo, a capela de S. Domingos do século XII, implantada sobre um templo romano, rochedo representando uma deusa da fertilidade¹³. No século XV, quando se recupera a capela, fala-se ainda do penedo que propiciava futuro a mulheres e campos. Bem perto, um castro romanizado.

¹³ A capela de S. Domingos é tardo-gótica, do século XV, mas substitui uma outra capela mais antiga já referida em 1163; esta capela anterior já tinha sido implantada sobre um templo romano dedicado a uma deusa da fertilidade que a rocha em que assentava o templo representava, o que faz acudir uma função proto-histórica. Nota: ALMEIDA, ob. cit., vol. II: 318.

Sem crentes, sem fiéis, as religiões perdem sentido, desaparece a descodificação dos seus sinais, esquecem-se os mistérios que as tentavam justificar. Nem a tradução dos povos com escrita que a explicam ou constatarem é suficiente para explicar o impacto que muitos dos seus lugares sagrados mantêm. O Norte, esvaziado das suas referências espalhadas pelos museus, apenas nos oferece o que não se pode deslocar, os montes imperativos, os penedos sagrados pelas inscrições que se esbatem, os sítios «de mouros» e de capelas que se mantêm no seu lugar de atalaia contra um sagrado que, afinal, continuam a representar.

Esconjuros de uma magia difusa continua a haver; quem sabe acompanha a cura com as ervas milagreas, a alfazema (para os nervos, como a cidreira, a salva ou o aipo silvestre); afasta-se de um raminho de arruda que, colhido na noite do solstício, que é a noite de S. João, traz mau-olhado ou dependência em amores. Colhemos ainda as plantas dos deuses metalúrgicos, que protegem das tempestades e do raio (a oliveira, o azevinho, o trovisco) e lá compramos a sabugueira, o funcho ou as maias para acabarem com eczemas diversos, a flor de macela para as sezões. Ainda há quem tente a sargacinha, abortiva, mas todos querem no Natal o alecrim, que era santo, antes de ser adoptado. Macho e fêmea, como a Lua e o Sol. No Norte, a boa planta contra a sarna e as borbulhas, a maia, colhe-se ainda na véspera, para que no primeiro de Maio, como na festa de Beltan, enfeite os carros de bois e preencha todos os interstícios das casas por onde os espíritos malfazejos teimam, ainda, em entrar. Mantev-se, festiva, anunciando o bom tempo e a ressurreição, é ainda uma planta da virtude¹⁴.



Fotografia de Mark Klett, 1995: perto de Vila Nova de Foz C6a. Col. N. de Fotografia, DGA/CPF.

¹⁴ FELGUEIRAS, 1969: 163-180.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Álvaro Duarte de; BELO, Duarte (2010-2011) – *Portugal Patrimonial*. Lisboa, Círculo de Leitores, vol. I.
- ALVES, F. Manuel (1910) – *Memórias Archeológico-históricas de Bragança*. Bragança.
- BARBOSA, Pedro (1981) – *A simbólica do mal nas pinturas da Igreja da Colegiada de Guimarães*. In *ACTAS do Congresso Histórico de Guimarães e a sua Colegiada*. Guimarães, vol. III.
- DUME, S. Martinho de (1997) – *Instrução Pastoral sobre Superstições Populares / De Correctine Rusticorum*. Edição Cosmos.
- FABIÃO, Carlos (1997) – *O Passado Proto-Histórico e Romano*. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*, vol. I, p. 198-200.
- FELGUEIRAS, Guilherme (1969) – *O mundo vegetal no conceito popular Fitolatria. Práticas e crenças supersticiosas de feição dendolátrica*. In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia; Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia, Porto, vol. XXI.
- FERREIRA, O. da Veiga; FERREIRA, S. da Veiga (s.d.) – *A vida dos Lusitanos no tempo de Viriato*. Editorial Polis.
- PRAMPOLINI, Giacomo (1969) – *La mitologia en la vida de los pueblos*. Barcelona: Montaner y Simon, tomo II.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1927) – *De terra em terra*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1989) – *Religiões da Lusitânia*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vols. I, II, III.